



ENTRE IMAGENS – UMA LEITURA MÚLTIPLA DE SIGNOS¹

Andréa do Nascimento Mascarenhas Silva²

RESUMO: O trabalho tem por objetivo central colocar em foco uma discussão sobre a prática de “ler” imagens e a leitura multidisciplinar de signos ou o que se convencionou a chamar de leitura intersemiótica. Parto da dinamicidade do texto literário, que já traz em si elementos analógicos e virtuais capazes de nos colocar diante de realidades não palpáveis, hoje tidas como exclusivas ao universo eletrônico ligado pela rede mundial de computadores. Tomo por base autores como William J. Thomas Mitchell, Vilém Flusser e Annateresa Fabris, entre outros, que tratam sobre os temas da imagem e da comunicação visual em diferentes objetos de estudo. Em meio a estes modos de comunicar mais que pedagógicos, teço também uma reflexão sobre a prática do Sub-projeto ‘Decifrando imagens: estratégias de leitura – da poesia à HQ’, que está em desenvolvimento no Campus XXII da UNEB desde maio/2010, ligado ao PIBID – Programa de Bolsa Institucional de Iniciação à Docência.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Imagens. Literatura. Comunicação. Semiótica.

A imagem do cachorro morderá no futuro? (Vilém Flusser, 1997 - online)

Há pouco mais de duas décadas ganharam lugar debates sobre visualidade, visibilidade, novas dimensões imagéticas, sofisticação do olhar, tudo isso em função do crescimento vertiginoso das ditas novas tecnologias, bem como os impactos e usos das mesmas nos espaços acadêmico-educacionais.

¹ Trabalho apresentado durante o I LEMEL - Seminário de Estágio e Prática Pedagógica (realizado no DCHT Campus XXII, de 12, 13 a 14 de abril de 2011), na Seção Conferência 4 – Disponível em <https://docs.google.com/file/d/0B2oHv0jL84_VY3JLSE5PTmZTY2FOMXpDVjdíZEwyQQ/edit?pli=1> – Acesso em 07/09/2012.

² Doutora em Comunicação e Semiótica – PUC/SP. Professora de Teoria literária e de Literaturas Brasileira e Portuguesa do DCHT – Campus XXII. Professora da Especialização em Literatura baiana do DED – Campus XIV. Coordenadora de área do PIBID-UNEB, Campus XXII.

Estamos imersos em discussão teórico-prática que não nega os avanços salutares da ciência e/ou da técnica, mas que nos coloca e faz pensar no lugar do elemento humano posto na via de interseção que se forma entre tantos cruzamentos, inovações e abstrações que se materializam no mundo palpável.

O mundo da máquina, da técnica, tem nos oferecido uma rica gama de imagens e não importa (em um primeiro momento) se são feitas a partir de conhecimentos manuais / tradicionais / analógicos e/ou se são resultado de combinações numéricas / virtuais. Importa saber ler, entender, interpretar e fazer uso dessas imagens em qualquer plano da vida, pensamento que está na base da filosofia educacional de Paulo Freire, quando tratou da questão da leitura (2003).

Annateresa Fabris, em um artigo intitulado **Redefinindo o conceito de imagem** (1998 - *online*), propõe uma reflexão sobre as mudanças que estão na ordem do dia. A autora nos diz que:

A imagem deixa de ser o antigo objeto óptico do olhar para converter-se em *imagerie* (produção de imagens), práxis operacional que insere o sujeito numa "situação de experimentação visual inédita", acrescida pela possibilidade de integrar outros registros da sensibilidade corporal, sobretudo o tato. (Grifo e aspas da autora)

Nesse sentido, é possível, hoje, não só ver e fruir uma imagem, mas (virtualmente) estar/pisar/navegar/tocar em e interagir com novas gerações de imagens etc., haja vista os jogos eletrônicos e a amplitude de possibilidades que oferecem. Por esse viés interativo, parece não tardar uma resposta ao questionamento de Flusser, colocado ao início do trabalho.

Mas será que estamos vivendo uma novidade? Respondo parcialmente à proposição ao chamar atenção para uma virtualidade básica da literatura, uma vez que a mesma nasce nos planos virtuais do nosso pensamento, como uma materialização (a princípio não palpável) da decodificação lírica que fazemos do mundo em que estamos inseridos.

O que a literatura é capaz de nos propor em termos virtuais, quando já transposta ao alcance do olho para os veículos palavra / página / papel / livro ou quando cantada / declamada / ritualizada / encenada / contada da voz ao ouvido? Ou ainda quando ligada em rede (o exemplo da internet), feita em múltiplos suportes e casada a outras artes?

A literatura nos dá a resposta, ao conter em si (virtualmente): “hiperlinks” que não ficam restritos apenas as conhecidas notas de rodapé, quando nos transportam para outros livros, épocas, áreas do conhecimento etc.; metáforas que nos trazem o mundo imaginário da infância, que nos mostram o malabarismo possível / impossível do poeta sobre a corda bamba da Língua, da flexibilidade criativa do nosso idioma; registros, ‘arquivos’ e pensamentos alheios, todos abertos ao bel prazer do nosso cérebro leitor, que se esforça para concretizar em imagens o que a organização de um verso é capaz de arquitetar fora do papel ou voz. Eis alguns poucos exemplos.

Outro questionamento: a literatura está a nossa disposição leitora há séculos e a sua leitura ainda não consegue obter êxitos plenamente satisfatórios no plano educacional de escolas espalhadas pelos países lusófonos, para nos ater ao idioma português.

O que o profissional das letras está faltando aprender para ensinar adequadamente e posteriormente uma leitura que pode ser também virtual, interativa, móvel?

Uma resposta plausível / viável para esta questão passa pela necessidade de se empreender leituras ‘literárias’ que sejam capazes de ir além do imediato visível na página, que busque se debruçar sobre os discursos entoados na voz de nossos *griots* (nossos anciãos); sobre a irreverência livre da imaginação das crianças que, antes de escrever desenham; que busquem a literatura entranhada nos gestos teatrais, a literatura que nasce fora dos livros, que está em outros cânones, como o universo da Literatura de Cordel.

Quantas imagens à nossa espera. Quantos dicionários escondidos pelas entrelinhas e vozes, peçados de “verbetes” que nos trazem épocas, costumes, estilos, sintaxes, semânticas, segredos de uma mesma e nossa língua, tão diversa a cada novo dia.

A pesquisa é o caminho de entrada para este trabalho árduo, mas possível. Uma nova prática de ensino se escreve sozinha enquanto refletimos neste texto sobre imagens, literatura e modos de ler.

E onde está a semiótica, comumente conhecida como a “ciência dos signos”, e como pode ser útil a esta empreitada de leitura aqui proposta?

A semiótica nos ensina a especializar o olhar, a ver o que se camufla por detrás de uma palavra, do que teima em escapar da metáfora, a ouvir a voz como a repercussão de passados, a

perceber a memória como um arquivo coletivo e intemporal, a ler as múltiplas faces de uma imagem <literária ou não>, a descobrir a cadeia de signos inteligentemente associados a formar idéias, pensamentos, obras e artes.

Comecei esse texto tratando sobre visível, visual, olhar, dimensões e não posso esquecer que a via a ser seguida não deve ser apenas aquela que nos leva aos textos a serem lidos. W.J.T. Mitchell, em “Mostrando el ver: uma crítica de la cultura do visual” nos faz lembrar que devemos prestar atenção ao nosso próprio ato de olhar, ao ato de olhar do outro e perceber essa prática como diferente e que faz parte da cultura visual como “uma ‘construcción cultural’, que es aprendida y cultivada, no simplemente dada por la naturaleza” (2003 - *online*, p. 19). Ou seja, ninguém vê o mundo da mesma forma e essa noção na prática muda radicalmente o nosso modo de perceber e aceitar o olhar alheio, pois, para Mitchell “la ‘escritura’ se encuentra, no casualmente, en esse punto de unión entre el lenguaje y la visión cuyo epítome sería la figura del jeroglífico, la ‘palabra pintada’ o el lenguaje visible del habla gestual que precede a la expresión vocal” (p. 23).

Neste entendimento mútuo se resolve equações inteiras sobre preconceito. Vale dar o exemplo aqui da imagem que os povos afrodescendentes têm de si mesmos, muitas vezes baseada na imagem que o ‘outro’ sempre teceu sobre eles (em qualquer discurso, inclusive no literário). Parte do que aponta Mitchell sobre a ‘palavra pintada’ retomarei mais adiante.

Mitchell nos faz ficar atentos para não alimentar o que chamou de ‘hegemonia do visível’ (p. 28) e darmos vez / lugar a “otras modalidades sensoriales como el oír e el tocar (...)” (Idem), que também podem promover e potencializar leituras.

Já Michel Foucault, no texto “As palavras e as imagens” (2000), aponta que há distâncias entre o que se diz e o que se escreve, sobretudo sobre o que se vê/mostra à vista e que precisam ser respeitadas. Eis é um exemplo do que nos torna diferentes e únicos. Há ruídos, há o que nem todos conseguem ver ou ler, elementos que comunicam e ao mesmo tempo impedem a comunicação, mas nos revela até onde cada um é capaz de chegar quando se trata do ato de ler. Foucault nos faz pensar sobre uma distinção aparentemente simples: ler palavras não é o mesmo que ler imagens. O ensino de Língua e Literatura precisa efetivamente dar conta desta distinção, diferença capaz de ampliar os limites da leitura a serviço da educação.

Em meio a nossas práticas pedagógicas que incluem o estudo a partir de imagens, seja de que natureza for, faz-se necessário tocar no ponto que envolve poder, como a idéia de que as imagens sacras, à época do Papa Gregório Magno (ano 600) eram como a “Bíblia dos iletrados” (Cf. Baschet, 1996), que tinham o poder de comunicar ideologias, crenças, temor etc ou de comunicar práticas e modelos a serem imitados. E mesmo antes (e até hoje), a história da arte sacra está muito ligada ao poder religioso-cristão levado ao corpo dos fiéis por meio da visualização-memorização das imagens.

Aos objetos imagéticos sacros incute-se o poder de comover, que estava/está associado à prática da instrução religiosa. Hoje, tem-se em vista um ideal educacional crítico/reflexivo a partir do próprio ato de educar. Sendo assim, ensinar por intermédio de imagens é também ensinar o que está para além do que se mostra, para ajudar a ler signos que não estão disponíveis à visão, mas que podem ser decodificados, como as ideologias, por exemplo. Ler o que está expresso/impresso na superfície de uma imagem não pode ser a única possibilidade de leitura (plano horizontal). Há que se ensinar e aprender a direcionar o olhar para o eixo vertical, para dentro, por detrás, ao redor, ao que não foi focalizado (etc.) na imagem em estudo.

A prática pedagógica que vem sendo levada a efeito por meio do Programa PIBID, no nível nacional e na área de Letras, configura-se em uma maneira de socializar e experienciar espaços de leitura diversificados.

No DCHT, Campus XXII da UNEB, com o Subprojeto PIBID intitulado ‘Decifrando imagens: estratégias de leitura – da poesia à HQ³’, nós nos propomos a ir além das teorias e a desenvolver um trabalho que se ocupa em ensinar a decifrar imagens. Os bolsistas têm levado as teorias apreendidas ao longo da graduação para serem vivenciadas em duas escolas localizadas na sede do município de Euclides da Cunha/BA. Já desenvolvemos algumas temáticas que vão da literatura à HQ e, no plano local, ao levantamento, estudo e leitura de almanaques lunares populares, ainda em circulação na cidade. O termo ‘decifrar’ contido neste projeto nos dá pistas para pensar um tipo de educação que não está contido somente nos livros ou no espaço escolar. Abre-nos a possibilidade de buscar ver, ler e entender outros signos, sobretudo aqueles que estão ao nosso redor e que nos faz mais que leitores ou cidadãos.

³ Sub-projeto sob minha responsabilidade, enquanto Coordenadora local do PIBID no Campus XXII.

A epígrafe que dá abertura ao presente trabalho (de Vilém Flusser) e aqui abaixo o pensamento deste mesmo autor, fornecem uma justa medida: a de que estamos vivendo um tempo de inversões, “(...) o da transferência do interesse existencial do mundo concreto para a imagem” (1997 - *online*). Entre inúmeras possibilidades de interpretação, o ponto de vista de Flusser nos faz ficar mais atentos para o universo de tradição oral, para que este não venha a ser ofuscado em função da palavra escrita, que deve ser sempre entendida, em primeira instância, como uma forma de dar ‘outro corpo’ à voz, como registro (importante, sem dúvida!) desta, mas nunca como expressão excludente e apagadora de sua matriz primordial. O pensamento de Mitchell sobre a ‘palavra pintada’ (*Op. cit.*, p. 23), em que se constitui um hieróglifo, pode ser retomada aqui para ilustrar a passagem e o registro da voz à palavra (escrita, pintada, desenhada, midiaticizada etc.).

Na mesma linha de raciocínio, Jerusa Pires Ferreira nos esclarece sobre a distância que há entre voz e seu registro em letra, ao informar que:

Ao lidar com o universo de letra e voz que caminha das tradições orais de poeticidade ancestral ao texto impresso de larga circulação e vice-versa, necessitei de longos anos para acompanhar de que modo transcorria o regime de uma tradição editada, à construção de linguagens no mundo da página que se oferecia. (...) Estamos diante de uma evidência, a de que nas páginas impressas destes textos populares pode-se falar de palavras espacializadas, de marcas que tem poderes alusivos ou de designação, de complexas relações texto-imagem. (2007 - *online*)

Com tal proposição, Jerusa aponta para uma realidade no mínimo preocupante: a de que a distância voz/letra, ao longo dos tempos, passa-nos cada vez mais despercebida.

Não é por ter a voz uma materialidade quase efêmera que a mesma precise sempre de próteses, extensões ou elementos de ‘apoio’ ou que tentem substituí-la. Voz é potência, repercussão de pessoas, tempos, pensamentos, contextos, histórias (etc.) a partir da era humana em meio à escala evolutiva do planeta Terra.

Os repertórios orais (entendidos enquanto acervo) precisam ser fortalecidos, abastecidos, assim como se faz com qualquer biblioteca. Práticas excludentes de educação que privilegiam o poder da palavra escrita precisam ser substituídas por outras que dêem lugar também as pessoas que não sabem ler os códigos escolarizados e baseados na escrita alfabética, mas que lêem por meio de outros sentidos que não somente a visão.

As técnicas mnemônicas precisam ser matéria escolar e continuar forte entre comunidades não escolarizadas, pois não são privilégio apenas dos povos ancestrais do ocidente, a exemplo da

transmissão de conhecimentos levada a efeitos pela população indígena no Brasil, para citar apenas um entre tantos povos que já foram ágrafos (ou ainda são) de que se tem notícia dentro e fora do país.

Sendo assim, de modo indissociável, não é demais lembrar que memória, voz e corpo fazem parte do ator principal de qualquer processo educativo humano/racional: o ser, as pessoas. A partir dessa tríade a literatura foi formada, ao lado da expressão teatral e do canto (acompanhado ou não de instrumentos musicais). Falar de leitura, imagem e semiótica, antes de falar apenas da decodificação de signos escritos, implica falar também da recuperação de antigas práticas de ensino que envolve o ser como um todo em meio ao universo repleto de formas diferentes de leituras e que não estão fechadas unicamente no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

BASCHET, Jérôme. “Introdução: a imagem-objeto”. IN: SCHMITT, Jean-Claud et BASCHET, Jérôme. **L’image**. Fonctions et usages des images dans l’Occident medieval. Paris: Le Léopard d’Or, 1996. [online] IN: Site do PEM - Programa de Estudos Medievais. (Trad. do texto para o site do PEM por Maria Cristina C. Leandro Pereira). Disponível na Internet via WWW <<http://www.pem.ifcs.ufrj.br/Imagem.pdf>> Acesso em 12/01/2011.

FABRIS, Annateresa. “Redefinindo o conceito de imagem” IN: **Revista Brasileira de História**. [online] Vol. 18, n. 35. São Paulo, 1998. ISSN 0102-0188. Disponível na Internet via WWW <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881998000100010&script=sci_arttext> Acesso em 12/05/2010.

FERREIRA, Jerusa Pires. “A decifração mágica dos signos”. IN: **Revista Ghrebh** – Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia. [online] N. 10, São Paulo, junho/2007. ISSN 1679-9100. Disponível na Internet via WWW <<http://www.cisc.org.br/revista/ghrebh10/artigo.php?dir=artigos&id=Jerusa>> Acesso em 16/09/2008.

FLUSSER, Vilém. “A imagem do cachorro morderá no futuro?” IN: **Revista IRIS**. [online] Março/1983 (Ensaio original sob o título: ‘O futuro e a cultura da imagem’). IN: Site do FotoPlus – Boletim Páginas Negras, n. 011, 1997. Disponível na Internet via WWW <<http://www.fotoplus.com/fpb/fpb011/b011a.htm>> Acesso em 13/03/2011.

FOUCAULT, Michel. “As palavras e as imagens”. IN: **Ditos e Escritos**. Rio: Forense, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler** (em três artigos que se completam). 45. ed. São Paulo: Cortez, 2003 (Col. Questões da nossa época, n. 13).

MITCHELL, William J. Thomas. “Mostrando el ver: uma critica de la cultura do visual.” IN: **Revista Estudios Visuales**. [online] N. 01, novembro/2003. ISSN 1698-7470. Disponível na Internet via WWW <<http://www.estudiosvisuales.net/revista/pdf/num1/mitchell.pdf>> Acesso em 12/01/2011.